

O PAPEL DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA FIOCRUZ PERNAMBUCO NA EPIDEMIA DE ZIKA – 2015/2016

Rita Vasconcelos

Bem, obrigado a todos! Primeiro quero agradecer o convite. Para alegria de todos a minha apresentação é rápida - porque quem fala por último já foi contemplado na maioria das falas. Eu quero falar da alegria - não só da Assessoria da Fiocruz de Pernambuco, mas tenho certeza que posso falar em nome das demais assessorias de imprensa - de poder mostrar um pouco do nosso trabalho que, em geral, é bastante invisível.

Um exemplo dessa invisibilidade é este próprio evento que traz no seu enunciado a mídia e a questão científica, mas não traz a assessoria. No entanto, o nosso trabalho é essencial para mediar estes dois campos. Somos a ponte que liga esses universos. Mas, por muitas vezes, somos quem traduz esses universos de um para o outro e para a sociedade.

Faz 22 anos que trabalho na área de comunicação, sempre no setor público. Já fui assessora da Secretaria de Saúde do Recife e da Coordenação de DST/Aids da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco. O grande desafio nessas duas décadas sempre

foi construir esta ponte, promover esta interlocução entre os profissionais de saúde e a imprensa e tentando dar uma visibilidade ao que é produzido em ciência e saúde. Acontece que existe (ou existia) uma crença, um imaginário coletivo de que a assessoria de comunicação governamental é só “chapa branca”. Quer dizer, que só reproduzimos o discurso do nosso assessorado (seja ele pessoa, governo ou serviço) sem nenhum critério ou criticidade. Somos ou éramos vistos pelos repórteres como “aquela pessoa que atrapalhava o acesso à fonte e não facilitava a vida dele”. Isso pode até ter existido em algum momento da história ou pode ser que algum assessor especificamente se comporte assim. No entanto, não é isso que acontece hoje. Estou aqui, olhando na plateia Cinthya Leite, do Jornal do Comércio, com quem eu lido quase todos os dias, que não me deixa mentir.

Eu acredito que estamos conseguindo, nos últimos anos, mudar esse conceito. Temos conseguido

mudar essa visão de assessoria como um obstáculo a ser superado para o repórter ou aquele setor que só divulga o que é de interesse. O assessor de Comunicação pode (e deve) ser o grande aliado não só do repórter como daquele a quem ele assessoria. A existência de repórteres setoristas tem facilitado muito a vida da gente, porque eles, pela constância do contato e proximidade, compreendem como é que se dá esse trabalho (nosso e dos cientistas) e os assessores também têm conseguido explicar e sensibilizar os cientistas e gestores a compreenderem a dinâmica da mídia, com seus prazos, demandas e insistências.

Bem, isso posto eu gostaria de começar apresentando como se constitui a Fiocruz Pernambuco para que vocês possam ter uma ideia do universo com o qual trabalhamos. As unidades regionais da Fiocruz têm missões diferentes, portanto, têm também composições diferentes. Em Pernambuco, a gente trabalha com Ensino - mestrado e doutorado em Saúde Pública e em Biociências e Biotecnologias, residência em Saúde Pública - e temos Pesquisa. Hoje contamos com 89 pesquisadores. E, cabe à nós, assessoria de comunicação, dar visibilidade a produção científica, não só desses 89 pesquisadores, mas, também dos nossos alunos, e demais ações da gestão. Não só assessoria de imprensa, mas toda a produção de comunicação da instituição. Digo isso para que tenha ideia do volume de demandas e trabalho que chegam ao nosso setor.

Mas foquemos no que foi a nossa experiência, enquanto assessoria, no enfrentamento dessa epidemia da zika. Pernambuco virou o epicentro dessa epidemia e, conseqüentemente, a assessoria de comunicação da Fiocruz PE também (porque a Fiocruz

Pernambuco coordenou todos os trabalhos no estado e foi também a instituição de referência do Ministério da Saúde durante a epidemia). A epidemia da zika – que agora sabemos ser uma síndrome – me fez lembrar muito a epidemia da dengue em 2002 e o ápice da epidemia de Aids, em meados de 1996. Epidemias que vivenciei fazendo assessoria de comunicação para o setor de epidemiologia da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco. Aí, eu pego o que Ângela Pimenta (do Observatório da Imprensa) falou do jornalista sênior; de você ter experiência para lidar com algumas coisas. Então, essa minha experiência, facilitou bastante a maneira como a assessoria lidou com essa epidemia de zika. Já tínhamos um certo no round nesse enfrentamento.

Na Assessoria de Comunicação da Fiocruz Pernambuco trabalham apenas três jornalistas. Só no grupo de pesquisas da zika, a gente assessoria o pessoal da epidemiologia, da virologia e da entomologia. Três frentes de trabalho dentro da Fiocruz PE. Eu não sei ao todo quantos pesquisadores dá nisso, talvez Celina Turchi tenha esse número. Acontece que além desses grupos tínhamos que dar conta das outras atribuições do dia-a-dia da instituição. Porque as outras coisas continuavam acontecendo, os outros agravos, os outros estudos continuam acontecendo e todos com demandas e pedidos de atenção à Comunicação. Tenho certeza que depois do grupo de pesquisas diretamente envolvido com o vírus zika, a Ascom foi o primeiro setor a ter consciência da gravidade e urgência do que estava acontecendo nesse momento histórico da epidemia e coloca-la como prioridade no atendimento.

Eu trouxe aqui uns slides bem simplórios, vou pedir logo desculpa, sou péssima em slides e diante dos slides maravilhosos que o povo trouxe aqui, eu vou ficar envergonhada. Mas, eu trouxe uma apresentação bem enxuta, quantitativa, que dá para ver o volume de trabalho que teve a assessoria de comunicação da Fiocruz Pernambuco nesse período.

O primeiro gráfico que eu trago é do número de atendimentos. Eu trouxe só os anos de 2015/2016, que foram os anos do acontecimento da zika.

Era a tentativa de compreender o que estava acontecendo. Concomitante ao aparecimento dos casos, um pesquisador nosso, do departamento de Virologia e Terapia experimental, chamado Rafael França, teve aprovado um projeto, com recursos internacionais, de mais de 1 milhão de reais exatamente para investigar o vírus zika. Um vírus que como foi dito anteriormente aqui nesta mesa, não tinha até então despertado muita curiosidade científica.

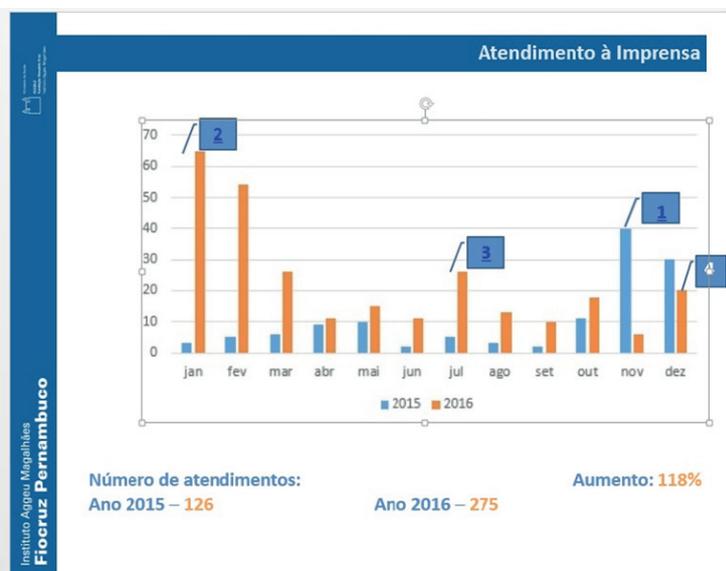


Foto: Rafael França concedendo entrevista para TV local.

No gráfico a gente vai ver que até abril de 2015, a média de atendimentos de demandas espontâneas, que chegavam na assessoria (Aqui não estão inclusas as matérias que promovíamos através de release) não passava de 10 atendimentos/mês. Vemos que vai ter um pico (nº 1 no gráfico) nesse atendimento no mês de novembro. Na verdade, o pico ocorre na última semana de outubro e nos meses de novembro e dezembro. Qual o motivo desse pico? Foi exatamente a imprensa querendo compreender a causa da epidemia de microcefalia.

O segundo pico aconteceu nos meses de janeiro e fevereiro, período em que as evidências de o vírus zika ser o responsável pelos casos de microcefalia já têm mais consistência. Precisávamos dar respostas à sociedade e em especial às mulheres grávidas e as que pretendiam engravidar, sobre prevenções, riscos e cuidados. Foi também a época mais intensa de esclarecer inverdades, boatos e divulgar quais as medidas vinham sendo tomadas no campo das pesquisas e seus desdobramentos. Foi o momento de conter o pânico.



Foto: As pesquisadoras e médicas Cinthya Braga e Celina Turchi em entrevista à Radio Jornal/PE

Voltando para o gráfico, o terceiro pico ocorre no mês de julho, aqui aconteceu o “Workshop o ABCDE do vírus zika”, no começo de março de 2016, que trouxe investigadores de diversos países para discutir as Arboviroses, a Biologia, a Clínica, o Diagnóstico e a Epidemiologia da zika e onde foram divulgados os primeiros resultados de uma investigação conduzida pela pesquisadora Constância Ayres, sobre a possibilidade do Cúlex ser um dos transmissores da zika. Essa pesquisa ainda está em andamento, mas, obteve uma grande repercussão quando a cientista mostrou os primeiros resultados.

Por fim, o último pico que acontece em dezembro de 2016, quando Celina Turchi foi eleita uma das dez personalidades do ano na ciência pela revista britânica Nature, por seu trabalho para o estabelecimento da relação entre o vírus zika e a microcefalia em bebês. Como se não bastasse, logo em seguida, a revista Times (EUA) a indicou como uma

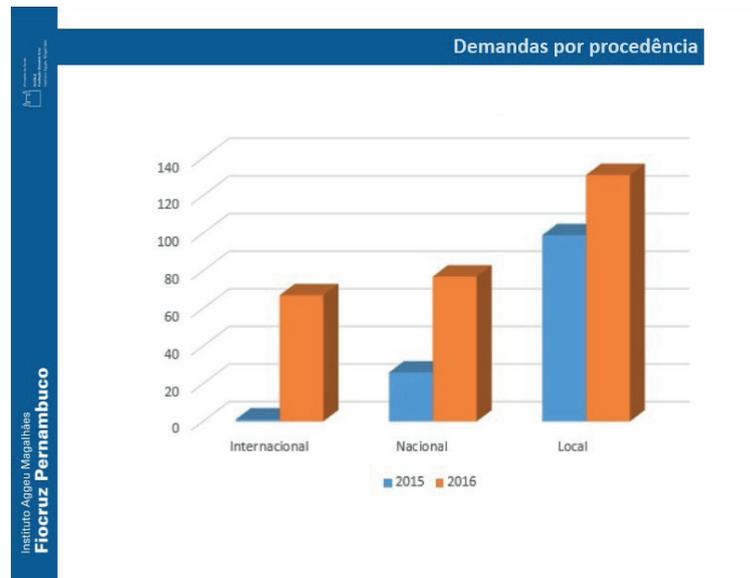
das 100 pessoas mais influentes do ano. Assim, Celina ficou em evidência. Embora ela sempre reforce que esse reconhecimento é resultado do trabalho de um grupo, tem sido exaustiva a procura da imprensa por uma palavra sua. Eu sou testemunha do quanto esse grupo trabalha e trabalhou durante a epidemia de zika. Não tinha fins de semana, não tinha hora, virava a noite dentro da Fiocruz, de fato, grupo extremamente comprometido.

Para nós, que trabalhamos há muitos anos junto a cientistas – e que às vezes brincamos os chamando de “pesquisadeuses”, porque é assim que alguns se comportam - sabemos o quanto é difícil reunir um grupo tão heterogêneo, com tanto talento e conseguir com que cada um deixe a sua vaidade de lado em prol de uma causa comum. De fato, este grupo conseguiu. Eu parabeno Celina por ter conseguido conduzir os trabalhos dessa maneira.

O segundo slide é da procedência da demanda/veículo. Eu estou trazendo esses números aqui, embora a gente não trabalhe muito com números, para ver a mudança que a epidemia da zika provocou na rotina de trabalho da assessoria.

Até 2015 a gente lidava, basicamente, com jornais locais. Excepcionalmente, uma matéria nacional. Em 2016, a gente atendeu - e eu não tenho nenhuma dúvida disso - todos os principais veículos de comunicação do mundo. Inglaterra, Japão, Estados Unidos, Indonésia, sei lá, a gente não fez um levantamento de todas as procedências. Mas o trabalho da Ascom passou por uma mudança não só em relação a procedência, tamanho e da importância desses veículos, mas tivemos que exercitar outras formas de comunicação. Até então, em relação ao atendimento da mídia a gente trabalhava muito intermediando a reportagem. Quer dizer, praticamente colocávamos o jornalista em contato com o pesquisador, com o aluno, dava uma ajuda na busca por personagens etc. Com a epidemia de zika, no nosso cotidiano passamos a auxiliar a produção de documentários, de grandes entrevistas, a lidar com a produção de matérias mais elaboradas, filmagens e fotografias com equipamentos que nunca tínhamos visto... Então, a gente começa a trabalhar com uma gama, uma diversidade de produção jornalística que não era comum para assessoria de comunicação.

No terceiro gráfico eu trouxe a situação da clipagem. Tivemos um aumento de 111% do número de publicações impressas. E aqui eu quero ressaltar que esse número é apenas dos jornais impressos que a gente conseguiu registrar. São de reportagens disponíveis na internet e nos jornais locais dos quais temos assinatura porque não temos clipagem de rádio e de TV, nem mesmo uma clipagem oficial realizada por uma empresa especializada. Esses 111% é o que, no meio de toda aquela correria, conseguimos anotar no nosso diário de bordo, porque, não tinha



tempo mesmo de parar para registrar todas as demandas que tínhamos. Esta é clipagem que conseguimos fazer. Algum registro a gente buscou depois que amenizou um pouco essa onda da zika.

Contudo, eu acredito que bem mais importante do que esses números, foi a mudança da maneira como a Assessoria era vista pela instituição. Dentro da Fiocruz Pernambuco, antes - e isso se aplica principalmente os pesquisadores que fazem parte do que a gente chama de pesquisa de bancada, das ciências biológicas - o contato desses pesquisadores com a imprensa era muito complicado. A cada solicitação de entrevista a gente tinha que gastar alguns minutos argumentando sobre a importância dele falar com o repórter. Existia um certo temor por parte de alguns, deixando claro que não eram todos, da informação sair de maneira inadequada, pediam ao repórter para rever o texto e fugiam do repórter como o diabo da cruz. Enfim, era uma dificuldade imensa de fazer com que a pesquisa de bancada entendesse a importância de darmos visibilidade aos estudos deles. Com aqueles que hoje fazem as pesquisas com zika isso já não acontece. A gente con-

seguiu um trânsito fantástico. Conseguimos que eles reconhecessem o papel e a importância do nosso trabalho. Nós temos depoimentos, inclusive de pesquisadores envolvidos com o processo, do quanto o seu estudo ter tido visibilidade na mídia o ajudou. Por exemplo, um pesquisador falou para gente que a exposição na mídia internacional o ajudou a fazer parcerias. Um pesquisador lá da Inglaterra, após saber do seu estudo através de uma matéria na TV, o procurou para estabelecer uma parceria científica. As próprias agências de financiamento, de tanto ver os trabalhos na imprensa, após tomar conhecimento desses trabalhos desenvolvidos lá no nordeste do Brasil, também entraram em contato para sondar a possibilidade de fazer parcerias.

Na abertura dessa mesa, o ex-ministro da Saúde, José Agenor Álvares da Silva falou de todo o processo investigativo ser transparente. A gente – e agora falo como Fiocruz Pernambuco e não apenas como Assessoria – nunca negou informação. Se nós, assessores e cientistas, não sabíamos determinadas coisas dizíamos que não sabíamos e íamos em busca da resposta. Nunca foi escondido nenhum número. A gente foi muito claro, até onde a gente sabia, nunca foi guardado informação privilegiada, e essa postura foi muito importante. Essa parceria com imprensa, dela saber que a gente não tinha nenhum interesse de ficar escondendo fatos.

Volto a um ponto que Ângela Pimenta falou aqui que eu acho importantíssimo que foi a história de ter um jornalista mais antigo. Eu chamo a atenção para a importância de ter um setorista. Ter uma jornalista setorializada para gente é uma benção porque ela está mais apta em conversar, entender a linguagem desse pesquisador, de traduzir o discurso científico.

Ela está com aqueles números mais presentes, ela tem milhões de fontes para comparar, a matéria sai mais consistente. Por exemplo, no Recife, Verônica Almeida, durante mais de 10 anos... uns 20 anos cobria a área da Saúde. Aí de um momento para o outro Verônica foi passada para política. Pensamos: o que faremos agora sem Verônica? Porque ela era uma jornalista que tinha um acesso, um trânsito livre com os pesquisadores. Eles adoravam dar entrevista para ela, pois ela compreendia o que eles estavam falando, para sorte nossa! Graças a Deus no lugar dela veio Cinthya Leite, que está ali sentada (Vou encher a bola de Cinthya porque ela merece mesmo) que é tão competente quanto! Então, quando vem aquele repórter que cobre 200 pautas, que não se dedica a nenhuma das áreas; que o cientista tem que explicar os termos mais básicos, é claro que o pesquisador fica irado! Quando ele tem que explicar a diferença de vírus e bactéria, ou como se dá um processo básico a entrevista fica muito difícil. É muito importante ter jornalistas qualificados para cobrir essa área difícil que é a das ciências.

Nem sempre é fácil lidar com esses dois mundos (o científico e o jornalístico) que, como Ângela Pimenta já lembrou aqui, têm muito em comum – as disputas políticas, as disputas científicas, as vaidades, os boatos... Nós da Assessoria temos que lidar e gerenciar tudo isso, em ambos os lados.

Eu lembro que um cara que participou, por três meses, de uma pesquisa na Fiocruz Pernambuco e aí, no meio da crise do zika, ele dá uma entrevista, se identificando como “pesquisador da Fiocruz”. Ele não tinha nenhum vínculo empregatício, nunca teve! Mas, ele deu uma entrevista falando de um repelente, que

ele estava desenvolvendo e que era a cura para o problema dos mosquitos. A assessoria gastou quase 24 horas para desmentir isso junto com a imprensa. Naquele momento de pânico e incerteza, passamos horas tentando descobrir se o cara era ou tinha sido de alguma unidade da Fiocruz, os especialistas tiveram que ler o tal estudo (porque ele tinha capacidade, fez um argumento belíssimo sobre aquilo, mas, não tinha nenhuma consistência ou verdade científica). Mas tivemos que utilizar e monopolizar uma série de profissionais, até o Ministério da Saúde para dar resposta a esse boato. No final ele era apenas uma pessoa que queria se auto promover, isso no meio de uma epidemia.

Enfim, no episódio zika eu acredito que o mais importante para a Assessoria foi a mudança, dentro da instituição, da visão sobre a importância do trabalho desenvolvido pela Comunicação. Fomos vistos de fato como uma área estratégica e não apenas como área meio. Vistos mesmo como fim - que é muito dito no discurso, mas, na prática a gente que está na comunicação, sabe que são poucas as vezes que somos vistos como fim, no sentido de promover ciência.

No começo da epidemia a gente foi muito criticada. As pessoas diziam: “Vocês só querem saber de zika, vocês não querem fazer mais nada aqui dentro da Fiocruz que não seja zika!”. Eu até comentei isso com Celina Turchi que eu acho que depois do grupo de pesquisadores envolvido com zika, o segundo grupo a entender a importância, a urgência e a dimensão da epidemia foi a comunicação. Tivemos que convencer os nossos pares dentro da Fiocruz, de que era necessário, por exemplo, a gente não ir cobrir um determinado

evento, porque precisávamos dar conta das demandas da zika. Somos apenas três jornalistas na assessoria. Não deixamos de cobrir nenhum evento importante, mas, zika naquele momento era uma epidemia que causava um pânico e que era prioridade dentro da instituição.

Então no começo era isso “vocês só querem saber de zika”. Mas quando isso começa a multiplicar, a surgir um monte de veiculações de matérias, e eles se vêm enquanto instituição na TV, no rádio, nos jornais, isso muda. No dia que saiu uma matéria grande no Fantástico a gente recebia palmas. Eu me sentia fortalecida.... Passávamos no corredor e os funcionários diziam “Parabéns! Eu vi a Fiocruz no Fantástico”. Se ver e ver a instituição que ele trabalha na mídia – o cara da limpeza, o pesquisador, a aluna - o orgulho de estar dentro da instituição que está aparecendo de forma positiva na TV, foi muito importante. Começaram também nos cobrar menos, a não exigir que estivéssemos noutras pautas que naquele momento não era tão urgente. Então, acho que esse paradigma quebrou dentro da instituição.

Ariano Suassuna, que foi meu professor de História da Arte, dizia assim “Jornalista é um especialista em generalidades”. Quando ele me disse isso, eu estava no terceiro período de Jornalismo e eu acho que passei o resto da minha vida tentando desconstruir esse conceito. Quem trabalha no campo da saúde, no campo da educação, entende que é impossível ser um especialista em generalidades. Com certeza eu consigo entender um gráfico de epidemiologia. Nesses gráficos que coloquei, a gente consegue ler a estatística, a gente consegue entender a urgência e abrir mão de algumas coisas na comunicação, para cuidar de uma

coisa, de uma epidemia porque compreendemos a dimensão disso não só do ponto de vista jornalístico, mas do ponto de vista de um gestor da saúde. A gente tem que se dedicar mesmo. Na área da ciência, a exigência é maior ainda. Temos que compreender a parte da comunicação, da urgência dos editores, da discrepância entre o tempo da redação com o tempo da ciência. Muitas vezes ouvimos dos repórteres “Eu sei que o tempo da pesquisa é um, mas eu tenho que voltar com uma pauta sobre zika porque meu editor exigiu”. Eu digo “Eu tenho outras pautas interessantes” E a repórter “Mas ele quer zika!”

Essa educação dos jornalistas que Ângela Pimenta falou – e que creio que é um pouco dos cientistas -, é também um pouco das escolas de

comunicação. Eu acho também, que algumas vezes os jornalistas também podem ensinar aos cientistas. Marcelo Leite no seu livro “Ciência – use com cuidado” chama a atenção para o fato de que as fontes científicas – se referindo a muitos artigos publicados em revistas científicas ou por assessorias - nem sempre são confiáveis. São oficiais, mais nem sempre são confiáveis. A quantidade de matérias que sai de publicações, de estudos que ainda não estão finalizados, que não são consistentes, que chegam nas redações como sugestão de pauta... A capacidade do jornalista julgar se são cientificamente relevantes ou não, é menor. Enfim, eu vou deixar para o debate, por conta da hora, aqui. Mas, agradeço novamente esse espaço, que é raro do trabalho da assessoria aparecer! Bom, obrigada!



Link Youtube:
<https://goo.gl/s2c9fF>